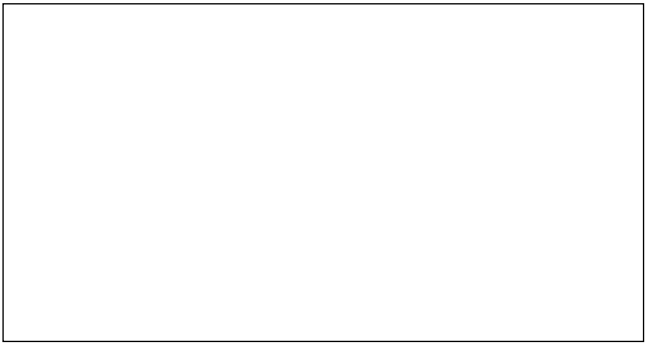

POST
MORTEM

Felipe Correa

Post Mortem

DRAMA EM ATO ÚNICO

Ficha Catalográfica



Resumo da obra

Os Clifford são uma típica família burguesa do século XIX, Sr. William, sua mulher Anne e seus dois filhos vivem em uma confortável residência na cidade de Birmingham, Inglaterra. Tudo parece normal até que um dos funcionários do Sr. Clifford e grande amigo da família, o velho Harvey, dando pela falta do patrão, busca saber o que havia acontecido. Ao chegar à casa dos Clifford, Harvey é impedido de entrar pelo próprio William, algo que ele nunca tinha feito antes.
William pede à Harvey que vá à estação de trem recepcionar um misterioso fotógrafo. Ao fazer o que foi ordenado, o velho é barrado mais uma vez pelo amigo, que permite apenas a entrada do fotógrafo. Harvey começa a ter a forte sensação de que é o único a não saber da verdade. Ele então decide a todo custo descobrir o que está se passando na casa e desvendar o segredo dos Clifford.

Prefácio

Vanitas vanitatum et omnia vanitas!

Inglaterra, Birmigham, Casa dos Clifford. Este é o cenário em que a dramaturgia *Post Mortem*, adaptação de Felipe Correa do seu romance homônimo, acontece. William Clifford, um comerciante em ascensão e em evidência, tem sua família infectada pelo tuberculose, "a doença que tinha predileção pelos pobres". O que mais poderia reduzir o espírito de um burguês, da moralista e puritana Era Vitoriana, a um estado de plena desgraça?

Nas linhas que desenham a dramaturgia de *Post Mortem* podemos observar a luta de um homem para manter o mais nobre dos sentimentos implantados pelo germe capitalista: a vaidade! O drama se dá no final da referida Era. Vivendo a consolidação de um capitalismo que se instaura como sólido sistema econômico que engendrou, sobretudo, um modo de ser de uma burguesia, se fortalece o *discurso do civilizado.* Temos em mãos um grupo de personagens que sonham e desejam. Uns desejam ter, como no caso de Nancy, a empregada que aspira ser uma estrela dos palcos de Paris; e William Clifford que busca manter o padrão de

seu status perante seus pares. O sonho, o desejo, do ter para ser e continuar pertencendo. No sentido *deleuziano* da análise do desejo, a máquina capitalista dos civilizados gera esse sentimento de vaidade por pertencer a uma raça de senhores, que expõe o homem ao drama de sua debilitada e esgotada existência. E é essa a harmatia de William Clifford.

Ao estilo mais clássico de Maurice Maeterlinck, Felipe Correa desenha um William que é atirado a um caminho cujo destino lhe fora sonegado. Por quem? Pelo próprio William. O drama da família Clifford, ainda que o estado da sanidade dos personagens tenha sido conduzido por forças de um sistema político e econômico, não faz frente a qualquer associação trágica, no sentido grego do termo, com a vida. A coisa simplesmente se dá.

É notável a arquitetura da dramaturgia que encontramos em *Post Mortem*. O primeiro fato notável da parte de Felipe Correa foi o de pontuar um drama em um determinado momento histórico, com toda a descrição que lhe cabe, que versa aos acontecimentos da contemporaneidade. Não por acaso o drama da vaidade está associado em *Post Mortem* ao advento da fotografia. Mas para toda especulação filosófica que possamos ter acerca dos acontecimentos presentes na obra, o dramaturgo segue sistematicamente a

estrutura dramática no seu significado mais absoluto; o de não apontar algo para além de si, de nada demonstrar senão seu próprio centro, sua própria metafísica e a ação dramática que conduz a obra - "a doença dos pobres" ronda os cômodos da casa dos Clifford, entre ela e a sociedade interpõe-se apenas a porta da mansão. A tensão da invasão acentua o neurotismo de William.

Outro mérito do dramaturgo foi a perícia com que fora desenhado cada personagem. Podemos observar a fluência com que surgem na dramaturgia a partir de um sólido "leitmotiv", que faz com que cada um se exponha sincronicamente. Mas há um por detrás de todo o drama: a morte. Este é o destino de William, mas ao mesmo tempo ela está desde a primeira página da dramaturgia. É por ela e para ela.

É esse simples destino que nos retira de uma visão de "drama" e nos apresenta a situação. O tema criado rouba dos personagens a possibilidade de agir. William, aos moldes do inconsciente estético, "é aquele que sabe e não sabe, que age absolutamente e padece absolutamente", sua *anagnorisis* **não reconhece seus atos como falhas, a peripécia do reconhecimento não faz parte do** "ethos" de William, ou de homens como William que, afinal de contas, fazem tudo para a preservação da honra (vitrínica!) de sua família, daí a magistral cena final ser percebida como um funesto *happy-ending*.

Mas para todo Édipo e Narciso sempre existe um Tirésias; no caso de Wiliam temos três: o Sr. Harvey, que na simbologia dramática é aquele que raciocina e que livraria o "herói" de seu infame destino. Sua mulher, Anne, que estabelece o diálogo com o nada e revela importantes questões que permeiam a trama da peça, e o icônico personagem do Dr. Botão, que constantemente alfineta com ironias a reticente postura de William, que ignora todos os sinais de seu turvo caminho. *Post Mortem* se apresenta como um substancioso material de estudo acerca dos princípios da dramaturgia moderna.

No avanço teatral da cena maranhense, Felipe Correa surge como um nome promissor. O Prêmio Arthur Azevedo por ele recebido na categoria Peça Teatral pelas mãos da Fundação Municipal de Cultura – FUNC em seu 35º Concurso Literário "Cidade São Luís" denota aplicação do dramaturgo naquilo que se propõe. Aguardamos ansiosos pelas próximas produções.

Eduardo G. Medeiros

Tem formação em Teatro e Filosofia, pela UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, com ênfase nas áreas de Ética, Política e processos de criação e aprendizado em Artes Cênicas.